

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

Publicação de interesse Cultural e Literário reconhecida

Directora: Natividade Mendes / Nº 406 / Preço: 2,5 euros / Quinzenalmente às quartas

"Julio e o Modernismo em Portugal"

ESPECIAL PÁG. 14





Susana L. M. Antunes

prof. associada com Agregação; investigadora, Universidade de Wisconsin-Milwaukee

Poética da (im)permanencia

El poeta desaparece y deja en su lugar a las palabras, que no son las palabras de un individuo sino una confluencia indeterminada e indeterminable de fuerzas múltiples y que, si son puras, despojadas de facticidad, conservan su poder, se diseminan, se encienden unas a otras «en reflejos recíprocos»; se condensan en los pliegues del poema.

Mario Campaña¹

Em *Devoción por las costumbres de los pájaros* (2025), o poeta, ensaísta e investigador equatoriano Mario Campaña corporaliza os “pliegues”² do poema, convertendo a linguagem em território de deslocamento constante e (im)permanente. Cada poema desenrola-se como o instante de uma vibração que se dobra e desdobra sobre si mesma, deixando rastros efémeros e rememorações de voos inquietos, persistentes e erráticos. Não há ponto fixo, não há repouso nem para o poeta, nem para o leitor. Há apenas uma corrente – a do mar, talvez – que se distende e contrai, arrastando cada instante no seu fluxo, imensamente, inquieto. As palavras fixadas no poema anunciadas na epígrafe deixam de pertencer a um sujeito isolado para se libertarem em camadas de movimentos entrelaçados e convidarem o leitor a transitar por entre-mundos de memórias, identidades, entregas, errâncias e (im)permanências. Estes itinerários – permitidos pelo movimento da palavra que atravessa o poemário, gerando novas configurações – convocam o leitor a sentir a poesia como experiência viva, intensa e mutante, a qual insiste em existir nos “pliegues” da tensão entre a (im)permanência e efemeridade, tensão confirmada no penúltimo poema do livro: “Esta es nuestra herencia: la configuración de un pez raro. El mundo desperfecto del mar. Animal que acostumbra a hablar de noche / con su lengua bífida raída, sus numerosas terminales extenuadas” (p. 72). O peixe, simultaneamente improvável e vivo, encarna a tensão da experiência, aquilo que atravessa a vida, sustenta e desafia, exigindo uma negociação constante entre o dado e o transformável. A devoção de e em Campaña edifica-se como um espaço lírico fragmentário, onde a densidade das imagens, metáforas e reflexões filosóficas se curvam, com a mão no peito, umas sobre as outras, convo-

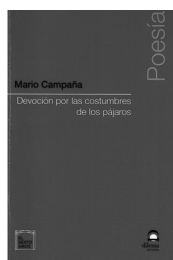
cando uma leitura atenta e perceptível exigida pela força-sensível da sua poética revelada, desde logo, no primeiro poema do livro: “Estraña esta pasión de la mente inarmónica. / A la vera del mar en la hamaca dormito” (p. 7). A partir deste prelúdio limiar, Campaña lapida a poesia de *Devoción* em seivas de reflexão suspensa, onde inquietação e contemplação coexistem, preparando o leitor para o movimento da (im)permanência que habita a sua poética, estabelecendo universos onde os elementos naturais – pássaros, mar, nuvens – funcionam como metáforas de percurso, hábito e viagem interior. Os pássaros, presentes já no título, evocam instinto, ritual e deslocação, sugerindo a travessia de territórios conhecidos e desconhecidos e a entrega consciente aos gestos que moldam a existência. O mar surge como espaço de estranhamento e entranhamento, resistência e fragilidade, onde se insinuem tensões subtis e profundidades insuspeitas. As nuvens, por sua vez, emergem em metamorfose-suspensa, deslizam como figuras de passagem entre luz e sombra, dizer e silenciar, arquitetando intimidades fragmentárias e mutáveis. No encontro com estes elementos, o leitor experimenta a vibração e a (im)permanência que estruturam o livro, percebendo que a poesia de Campaña se constrói nesse intervalo – nessa dobra – onde o transitório oscula o âmago do ser. É nesse espaço que irrompem os “Excesos del alma” (p. 38) e onde “(...) Las nubes se precipitan sobre espíritus ávidos” (...) (p. 68), conduzindo a uma leitura que oscila entre vertigem e lucidez.

De forma subtil e nunca declarativa, irrompe na obra uma ideia de amor que, em Campaña, não se confunde com sentimentalismo nem com expressão afetiva convencional. O amor que atravessa *Devoción* é sobretudo uma disposição do pensamento, uma forma de atenção

radical ao outro e ao próprio ato de existir. É um amor que se manifesta na ética da escuta, na responsabilidade da palavra, na tentativa de nomear aquilo que, sendo íntimo, permanece indeterminado. O amor surge como gesto de lucidez diante do que escapa e, simultaneamente, como força que impede o sujeito de se dissolver no puro desenraizamento. É um amor que não se anuncia, mas que se insinua no modo como o texto se oferece, como procura a sua própria medida, como estabelece uma tensão entre solidão e convivência, entre memória e perda, entre o eu e os rostos que o atravessam. Neste sentido, Campaña propõe uma forma de amor em loucura-pensante, que se cumpre na profundidade da relação com a linguagem, com a história pessoal, com as sombras que persistem e com as presenças que deixam marcas: “(...) letra a letra las partes / de tu cuerpo / cada uno / de sus pliegues / se desvanecen / como el final / de un día (...)” (p. 57) (...) fluye / el recuerdo / mi temblor / por / tu cabello suelto” (p. 60)³. Um amor que não procura resolver, mas compreender; que não procura possuir, mas acompanhar; que não promete, mas permanece rigoroso e profundamente humano: “Aún no conocemos los umbrales / y nada sabemos de las puertas, / las caladas y obedientes puertas” (p. 42).⁴

A escrita de Campaña incorpora a intermitência, oscilando entre a intensidade do presente e o fantasma do que não volta acoplado à música e ao que ainda não somos: “La música y la poesía están siempre / por llegar. Mientras tanto, los pájaros / deben continuar su vuelo. / Poesía e música / descubren / lo que no somos / pero podemos ser.” (p. 14) porque “(...) Hasta el próximo mundo / llegaremos / con la *somma spienza* / y el *primo amore*” (p.74).⁵

Livro exigente e luminoso, *Devoción* requer atenção vigilante, delicadeza aten-





Adelto Gonçalves
doutor em Literatura Portuguesa (USP)

Pensamentos de uma mulher à janela

Em livro que foge às definições de gênero, Raquel Naveira apresenta, em prosa poética, reflexões sobre a condição humana

ta e abertura à errância. Para desdobrar os seus poemas, Mario Campaña, apenso à sua tradição crítica e filosófica, oferece uma meditação entranhada e inquietante sobre pertencer (ou não), entregar-se e viver num mundo simultaneamente imperfeito e fascinante, confirmando Campaña como uma voz singular na literatura latino-americana contemporânea, capaz de transformar metáforas em experiência sensorial e reflexão filosófica.

Devoción por las costumbres de los pájaros desdobra-se em errâncias através do tempo, da linguagem, da memória, da perda, do espaço, do amor – desfazendo-se e recompondo-se na certeza de que “Los poetas no tienen país” (p. 55) – têm apenas o voo do amor.

REFERÊNCIA

Deleuze, Gilles. *Le pli: Leibniz et le Baroque*. Paris: Éditions de Minuit, 1988.

¹ *De la espiral y la tangente. Ensayos sobre literatura I*. Quito - Guayaquil - Ecuador: Editorial Festina Lente, 2022, p. 312.

² Referência ao livro de Gilles Deleuze, *Le pli: Leibniz et le Baroque* (Les Éditions de Minuit, Paris, 1988). A ideia das dobras infinitas (“*pli après pli*”) articula-se com a poesia de Campaña, onde cada “*pliegue*” do poema oferece novas zonas de leitura, exigindo do leitor o gesto atento de desdobrar e recompor sentidos.

³ Refira-se a intertextualidade com o heterônimo pessoano Ricardo Reis no longo poema intitulado “he aquí la vida que un día” (pp. 57-64), do qual se citam os últimos versos: “adiós, Lidia, nos despertemos / amanezcamos / lo lei en un sueño”.

⁴ “Aún no conocemos los umbrales”, poema dedicado “a los luchadores de la huelga indígena de junio de 2022, en Ecuador” (p. 75).

⁵ “Hosco, / en los vastos campamentos”, poema dedicado a Jorge Izquierdo.

I. Reflexões de uma mulher madura, sensível, amante das Letras e das Artes, à janela, diante de uma noite salpicada de estrelas, compõem *Ursa Maior* (São Paulo, Scortecci Editora, 2025), o mais recente livro da professora universitária, poeta, romancista, contista, cronista, crítica literária e ensaísta sul-mato-grossense Raquel Naveira. Obra de gênero de difícil classificação, para a qual a autora arrisca como definição que seria um “romance em desordem, fragmentário, um amontoado de estudos”, trata-se de uma criação ficcional plasmada em prosa poética, dividida em três capítulos – “Pontos luzentes”, “Astros cintilantes” e “Luminescências” –, que há de encantar até o leitor mais exigente. O título vem exatamente do olhar feminino para a imensidão do cosmos, durante certa madrugada, em que a autora localizou a constelação da Ursa Maior, que, diante de sua solidão, passa a ser sua interlocutora. Dessa maneira, aos poucos, passa a transmitir ao leitor suas angústias, suas leituras, seus poetas e escritores preferidos, seus gostos e delírios, levando adiante um processo de autoconhecimento.

Como observa o escritor e crítico literário Krishnamurti Góes dos Anjos, em extenso e sensível prefácio que adquiriu o foro de ensaio, esse benfazejo leitor, com certeza, terá a oportunidade de se deparar com um texto capaz de “irradiar a luz da criação literária no que ela tem talvez de mais interessante: a criatividade”. Afinal, vai encontrar em Raquel Naveira alguém que “exercita uma veia literária onde aflora uma erudição notável e uma vasta bagagem de leitora e professora de literatura”.

II. Inspirada na constelação Ursa Maior, formada por sete estrelas (Alpha, Beta, Gamma, Delta, Epsilon, Zeta e Eta), que estão a cerca de 10 anos-luz da Terra, Raquel Naveira procura misturar as imagens do universo cósmico com suas reflexões íntimas, passando por sua ancestralidade, que vem dos Açores e mistura-se com os indígenas. Diz ela: “Fiz jus ao meu sangue português quando me arremeti contra o desconhecido e saí de minha terra, nação guarani. Desejei tanto uma nova estrela, uma nova sorte.

Estava cansada, mas ainda tinha forças. Viajei em busca de meu ideal. Saí observando o mundo, mas ele não tinha nada de bom. Voltei à mesma casa de minha infância, de onde observo as Ursas pela janela. Quando chegará minha hora, minha vez?”

Por aqui, o leitor já pode sentir o que vai encontrar neste livro em que a autora evoca não só a mulher selvagem das fronteiras entre Brasil e Paraguai como nomes lendários, como Manuel Bandeira (1886-1968), seu poeta preferido, Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Cassiano Ricardo (1895-1974), entre os brasileiros, ao lado de estrangeiros famosos, como o teólogo e filósofo Santo Agostinho (354 d.C-430 a.C), nascido no Norte da África, o poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973), o poeta inglês William Blake (1757-1827), o escritor austríaco-tcheco Franz Kafka (1883-1924), o poeta irlandês William Butler Yeats (1865-1939), a escritora inglesa Jane Austen (1775-1817), o filólogo francês Jean-François Champollion (1790-1832), o pintor holandês Johannes Vermeer (1629-1675), o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), o poeta norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849) e outros.

Como se vê, embora a autora deixe claro que não pretende ser autobiográfica nestas páginas, ela reconhece que não pode deixar de mostrar que viveu voltada para as Letras, para a poesia e para as salas de aula onde ensinou Literatura Portuguesa e outras cadeiras da área de Humanas. Além de exibir a indisfarçável erudição de sua autora, *Ursa Maior* é obra que também evoca a figura da mulher selvagem, conectada à floresta, à Terra e ao cosmos.

Dona de uma sensível prosa poética, Raquel Naveira conduz o leitor por uma travessia simbólica rumo à reconexão com o sagrado feminino e com a ancestralidade, usando os astros como metáfora de sua força intuitiva. Vale a pena conhecer este livro.



NOTA

Ursa Maior, Raquel Naveira. Com prefácio de Krishnamurti Góes dos Anjos. São Paulo, Scortecci Editora, 80 páginas, 2025.